

PEDAGOGIA HOSPITALAR E AS INFÂNCIAS EM SITUAÇÃO DE INTERNAÇÃO

RAQUEL SANCHES DUTRA¹; **HARDALLA SANTOS DO VALLE²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – rakellsanxs@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI)¹, vinculado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), desenvolve desde 2023 o projeto “Infâncias no Ambiente Hospitalar: contribuições da escuta e da brincadeira” em parceria com o Hospital Escola da UFPel (EBSERH). Essa iniciativa coordenada pela prof.^a Dr.^a Hardalla do Valle, promove a inserção diária de graduandos de Pedagogia no atendimento a crianças hospitalizadas. A parceria da Faculdade de Educação (FaE) com o Hospital Escola da UFPel foi iniciada no ano de 2022, com o projeto Classe Hospitalar (coordenado pelo Prof. Lui Nörnberg-FaE/UFPel), que desenvolveu estudos e ações pedagógicas.

A Pedagogia Hospitalar consolida-se como um espaço essencial para a garantia do direito à educação de crianças e adolescentes em situação de internação. Esse direito, previsto no Art. 205 da Constituição Federal de 1988, assegura a todos o acesso à educação, cabendo ao Estado e à sociedade a tarefa de criar mecanismos para efetivá-lo, mesmo em contextos adversos como o hospitalar. Nesse sentido, a prática pedagógica no hospital transcende a simples transmissão de conteúdos, configurando-se como uma ação fundamental de inclusão. Destaca-se ainda que, na perspectiva inclusiva, o projeto contribui para a manutenção do vínculo com a escola, assegurando que o processo de aprendizagem não seja interrompido em virtude da condição de saúde. Segundo Sassaki (2005, p. 41), o termo inclusão refere-se à transformação social necessária para garantir que todas as crianças tenham suas demandas educacionais atendidas, mesmo em condições adversas, como as impostas pela hospitalização. Juntamente a isso, o afeto, entendido como base do desenvolvimento humano (WALLON, 2007, p. 89), revela-se fundamental na mediação pedagógica, fortalecendo vínculos entre educadores, crianças e famílias, facilitando o enfrentamento do processo de internação (PASSAGI; ROSA, 2012).

Este estudo analisa como o GEPI opera essa articulação, tomando como questão central: como se configura o trabalho pedagógico desenvolvido pelo GEPI no Hospital Escola da UFPel? A investigação justifica-se pela necessidade de documentar práticas inovadoras que concretizem os princípios da educação inclusiva em contextos não formais de aprendizagem.

¹Com base no campo da Sociologia da infância, este projeto tem como foco a realização de inserção de graduandos(as) do curso de Pedagogia na brinquedoteca do Hospital Escola da UFPel. Tal iniciativa, prevê a realização de brincadeiras e escutas das crianças que passam por uma situação de internação.

²É liderado/CNPq pela Prof.^a Dr.^a Hardalla do Valle e tem como proposta desenvolver estudos envolvendo questões emergentes, situações e ações relacionadas à(s) infância(s), com a perspectiva de ampliar, fortalecer e divulgar debates sobre/com as crianças. O GEPI está vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPEL). Sua equipe atua em diferentes espaços sociais, cujas crianças tornam-se o eixo central do debate sobre práticas educacionais, processos sócio-históricos, políticas públicas e processos culturais.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, adotou-se uma abordagem metodológica plural, que combinou a vivência prática na brinquedoteca do Hospital Escola com uma sólida fundamentação teórica, articulando pesquisa bibliográfica e análise documental. A pesquisa bibliográfica consistiu no exame crítico de materiais já publicados, como livros, artigos científicos e dissertações, com o objetivo de construir a base teórica sobre Pedagogia Hospitalar, desenvolvimento infantil e o direito à educação (GIL, 2008). Esse referencial foi fundamental para analisar e interpretar os dados empíricos coletados.

Já a análise documental, conforme define Cellard (2008), foi empregada como técnica para examinar minuciosamente fontes documentais que registraram a prática. Foram analisados diários de campo, que continham observações sistemáticas das interações e atividades pedagógicas, e registros documentais do grupo de pesquisa, que incluíram relatórios, planejamentos e registros fotográficos (mediante autorização e sob anonimato). Esta análise permitiu uma reconstrução crítica e contextualizada da experiência, identificando nuances, desafios e potencialidades da ação pedagógica no ambiente hospitalar.

A revisão bibliográfica foi conduzida de forma integrada às demais etapas da pesquisa, permitindo constante diálogo entre teoria e prática. Conforme destacado por MONTEIRO, CAETANO e ARAÚJO (2010), a revisão bibliográfica constitui-se como um processo sistemático de investigação e análise de produções acadêmicas relevantes para a temática em estudo. Essa etapa metodológica não se limita a uma mera compilação de referências, mas representa um exercício crítico de seleção, organização e interpretação do conhecimento já produzido sobre o assunto.

Como parte essencial do processo de formação, todos os integrantes do GEPI participaram de um programa de capacitação ministrado pela Unidade de Saúde Ocupacional e Segurança do Trabalho da UFPel. Esta formação teve como objetivo principal familiarizar os participantes com os protocolos de biossegurança necessários para atuar em ambientes com riscos de contaminação. Complementando essas medidas preventivas, foi exigida a atualização do calendário vacinal de todos os membros da equipe, garantindo assim a proteção tanto dos profissionais quanto das crianças atendidas. A atuação no hospital se dava no período da manhã nos dias de terça a quinta-feira. Após cada atendimento, é feito o registo individual e relatório do que foi realizado para futuras discussões com o grupo.

Nesse processo de construção do conhecimento, nossa atuação na brinquedoteca permitiu um acompanhamento pedagógico direto das crianças internadas, bem como o contato com os familiares. As reuniões com o grupo são realizadas, quinzenalmente, com leituras, levantamento dos dados registrados, diálogo e discussão acerca dos diferentes contextos. Nossos registros são pensados para captar não apenas o progresso cognitivo, mas também vínculos afetivos estabelecidos conforme traz WALLON (2007), estratégias de inclusão adaptadas à cada criança (SASSAKI, 2005) e momentos significativos de interação. Através dessas práticas, percebemos como a documentação pedagógica pode ser simultaneamente rigorosa e humanizada, captando tanto os aspectos objetivos das interações quanto os afetivos e inclusivos.

Como destacam PASSAGI e ROSA (2012), essa abordagem dialógica cria "pontes afetivas" essenciais no contexto hospitalar. Assim, o intuito deste trabalho é traçar relações entre pesquisa bibliográfica e as vivências práticas do GEPI, demonstrando como teoria e ação pode transformar a experiência hospitalar em um processo mais humano e acolhedor.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O cotidiano das crianças hospitalizadas revela um cenário profundamente transformado: longe de seus ambientes familiares, cercadas por profissionais mascarados e equipamentos médicos, elas enfrentam uma rotina marcada pela ruptura de seus vínculos afetivos e espaços de pertencimento. Nesse contexto, nossa intervenção pedagógica tem se mostrado um potente dispositivo de reconstrução de significados como destacam PASSAGI e ROSA (2012): "o brincar hospitalar transcende a mera recreação convertendo-se em linguagem terapêutica que restaura, ainda que temporariamente, a normalidade perdida".

A análise dos dados construídos, nos permitiu identificar três eixos fundamentais nesse processo: a construção de vínculos significativos como base para intervenções educativas, a adaptação criativa de práticas pedagógicas ao contexto clínico e a valorização das múltiplas linguagens infantis como forma de expressão e comunicação. Esta triangulação entre referencial teórico, observação participante e relatos de experiência demonstra como a pedagogia vai além da mera transmissão de conhecimento, constituindo-se como uma prática de cuidado integral que respeita a criança em sua totalidade. O momento da intervenção pedagógica no contexto hospitalar caracteriza-se como um processo de escuta ativa e acolhimento integral. Durante as atividades observam-se atentamente as manifestações da criança, estabelecendo-se um diálogo que garante práticas educativas fluídas e significativas tanto para a criança quanto para o graduando.

O referencial teórico, embora essencial, mostra-se insuficiente diante da complexidade humana, pois cada criança apresenta demandas únicas que exigem respostas criativas. Assim, configura-se uma prática pedagógica que, mais do que ensinar, aprende; que além de cuidar, se deixa transformar pelas relações estabelecidas no cotidiano hospitalar (PASSAGI e ROSA, 2012).

Na relação com a comunidade hospitalar, testemunhamos pequenos milagres cotidianos: crianças que redescobrem o brincar entre procedimentos médicos, famílias que encontram alento na rotina pedagógica, profissionais de saúde que passam a enxergar seus pacientes sob nova perspectiva. Estas vivências nos ensinaram que a verdadeira inclusão acontece quando adaptamos não apenas atividades, mas todo nosso olhar para acolher cada singularidade.

Os resultados obtidos demonstram que a atuação do GEPI no hospital vai além da garantia do direito à educação, constituindo-se como uma prática política de inclusão que reconhece a criança hospitalizada como sujeito de direitos, estabelece o afeto como eixo estruturante das relações pedagógicas e cria adaptações pedagógicas que respeitem tanto as necessidades educacionais quanto as condições clínicas da criança.

4. CONSIDERAÇÕES

Ao longo da pesquisa, descobrimos que educar entre paredes hospitalares vai muito além da transmissão de conteúdo - é sobre semear esperança onde a vida parece mais frágil. Através do GEPI, percebemos que mesmo um leito de hospital pode se transformar em um espaço de descobertas quando envolvido pela escuta

atenta e o afeto genuíno. Os desafios que permanecem não são obstáculos, mas oportunidades para seguir aprimorando nossa atuação. Eles nos lembram que para construir uma pedagogia inclusiva é um processo contínuo que exige resiliência para persistir. Esta pesquisa deixa claro que, quando saúde e educação caminham juntas com sensibilidade, criamos não apenas melhores práticas pedagógicas, mas humanizamos todo processo de cuidado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- FONSECA, E. S. **Pedagogia Hospitalar: direito à educação na saúde**. São Paulo: Cortez, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MONTEIRO, R.; CAETANO, J. A.; ARAÚJO, T. C. C. F. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 257-263, 2010.
- PASSAGI, S.; ROSA, E. **O brincar no hospital**. São Paulo: Cortez, 2012.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2005.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2007.